ORAÇÃO GRATULATORIA

PROFERIDA

NA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA

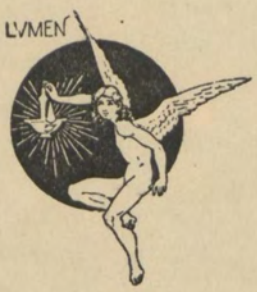
NO BUSSACO

NO DIA 9 DE SETEMBRO DE 1900

PELO PRESBYTERO

JOAQUIM MARIA FERREIRA

PAROCHO
DA FREGUEZIA DE S. PAULO DE FRADES



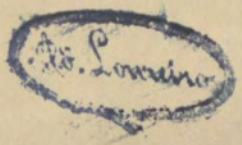
1617

COIMBRA

TYPOGRAPHIA DE F. FRANÇA AMADO

—

1900



ORAÇÃO GRATULATORIA

ORAÇÃO GRATULATORIA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

PROFERIDA

NA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA

NO BUSSACO

NO DIA 9 DE SETEMBRO DE 1900

PELO PRESBYTERO

JOAQUIM MARIA FERREIRA

PAROCHO
DA FREGUEZIA DE S. PAULO DE FRADES

COIMBRA

TYPOGRAPHIA DE F. FRANÇA AMADO

—

1900

AO

ILL.^MO EX.^MO E RV.^MO SR.

D. MANOEL CORRÊA DE BASTOS PINA

BISPO DE COIMBRA,

ASSISTENTE AO SOLIO PONTIFICIO,

CONDE DE ARGANIL

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE,

COMMENDADOR DA ORDEM DE NOSSA SENHORA

DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA,

DIGNO PAR DO REINO,

ETC., ETC., ETC.

Ex.mo e Rv.mo Sr.

Dando á estampa o singelo discurso que tive a honra de pronunciar na presença de V. Ex.ª na capella de Nossa Senhora da Victoria, no Bussaco, é para mim sobremaneira agradavel ter ensejo de offerecer e dedicar a V. Ex.ª, como respeitosa homenagem, este modestissimo producto do meu trabalho, sentindo que nelle eu não traduza bem os altos sentimentos de religiosidade e de patriotismo de Portugueses de que V. Ex.ª é um apologista enthusiasta e exemplo brilhante.

Confiado em que o animo generoso de V. Ex.ª acceitará benignamente a minha pobre mas cordeal offerta, me subscrevo com o mais profundo respeito

De V. Ex.ª
servo muito grato e subdito obediente

Joaquim Maria Ferreira.

« *Fecit mihi magna qui potens est.* »

Luc., I, 49

Ex.mo e Rv.mo Sr. Bispo Conde (1)

Ill.mo e Ex.mo Sr. Tenente-coronel (2)

Senhores:

O altar — a espada!

No altar a Magestade infinita do Senhor e a imagem da desvelada protectora nossa, da casta, da sempre Virgem Maria; na espada a refulgencia rubra da victoria, porque, antes de a empunhar o braço rijo do guerreiro, purificou-a a prece sentida do crente.

O altar — a espada!

Eis ahi os dois esteios potentissimos sobre que se engastam os fulcros adamantinos do eixo da nacionalidade portugueza: e quando um povo santificado pelas bençãos do céo se apoia aos contos inflexiveis das

(1) O Ex.mo e Rv.mo Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina.

(2) O Ill.mo e Ex.mo Sr. Jayme Leitão de Castro.

lanças portuguezas; quando esse povo teve no seu berço o sorriso protector do Homem Deus a retemperar o montante de Affonso Henriques; quando esse povo no local de cada batalha alevanta um monumento á Virgem que na conjunctura de maior perigo lhe acudiu com o seu amparo; quando esse povo nas horas de cruenta lucta enverga febrilmente o arnez, arremessa corajosamente a espada, se abroquela com o auxilio da Mãe de Deus, e, depostas as armas, retoma a lyra dos seus cantares ao Senhor dos Exercitos e á Virgem das Victorias; poderá enfermar, soffrer, mas jamais aniquilar-se.

Porque o nosso paiz é profundamente religioso e fundamentalmente patriotico, a Cruz foi-lhe sempre lucentissimo pharol e o sentimento do amôr patrio um poderoso talisman, e tam potente, que alcança transformar o obscuro e pacifico pastor dos Herminios no formidavel e bellicoso campeão das glorias patrias, quando acorrentadas ao carro triumphal dos Cesares romanos.

A Providencia talhou certamente esta edenica orla do Occidente para nella palpitarem corações lusos — fortes como o granito das suas montanhas, ardentes como o sol que as doira, ora doces como o murmurio dos seus regatos, ora indomaveis como as ondas que

bramem marulhando-se iradas ao longo das suas costas. Sustentados por Ella, os portuguezes foram sempre aquelles homens que, sendo poucos, venceram os seus inimigos em numero muitas vezes superior; aquelles que, primeiro que todos, sem mais guias e companheiros do que as estrellas, domaram a bravura dos mares e a furia dos ventos, e que d'um canto ignorado da terra foram dictar as leis ao mundo.

Portugal realisou sempre gloriosamente em cada seculo da sua existencia a sua altissima missão historica; e, se por vezes soffreu desastres e reveses, d'elles se ergueu mais vigoroso, purificado no cadinho do soffrimento — e tam vigoroso, que no principio d'este seculo o brilhantissimo sol d'Ourique e de Aljubarrota consegue offuscar aquelle, que da França dardejára scintilante nas pyramides do Egypto, nas muralhas de Vienna e nos fraguedos nevados dos Alpes.

Ainda se não extinguiu de todo o echo sonoroso d'aquelles maravilhosos feitos do exercito luso-britanico, que sob o commando de Wellington praticou extraordinarios prodigios de valôr.

Ao rememora-los hoje entre as notas festivas d'esta consagração patriotica e christã, aqui, neste mesmo local, então banhado do sangue de tantos heroes, afigura-se-me que ainda retumba aos nossos ouvidos o

pavoroso troar do canhão e as vibrantes notas do clarim, e que os echos d'esta opulentissima floresta do Bussaco, repercutindo-as, entoam um hymno de triumpho.

E um mavioso cantico de triumpho, quereria eu, ó radiantissima Virgem, inviolavel padroeira. dos Portuguezes, erguer juncto do teu altar como immorredoiro padrão d'esse inolvidavel feito d'armas, que sob a tua poderosa egide illuminou de inapagaveis fulgores as paginas da historia patria. O meu coração palpita hoje de nobre orgulho e de santo enthusiasmo, mas não tem bronze que sôe, aço que brilhe, flores que perfumem e loiros que corôem, para lançar nas aras do teu celso throno altisonante e condigno trophéo.

Porém se as humildes dadivas d'um filho sempre cahem como captivantes flores no amoroso regaço de sua mãe, não deixes de volver para mim um só teu olhar d'amôr: tanto me basta para que não desfalleça ante a magnitude da missão honrosa que me foi confiada.

Ex.mo e Rv.mo Sr.: Perante vós, que possuis uma formosissima alma de apostolo e um nobilissimo coração de patriota, cuja natural eloquencia sabe dizer com fervorosa uncção as magnificencias do Senhor e applaudir calorosamente as glorias de Portugal,

reconheço que não deveria subir a este logar, onde tem fulgido o genio da oratoria portugueza. Porém, venho confiado em que a vossa benevolencia paternal, jamais desmentida, não deixará de amparar agora o mais humilde dos vossos presbyteros.

Ill.mo e Ex.mo Sr.: A vossa presença nesta augusta solemnisação religiosa e patriotica é altamente suggestiva para o orador, porque representaes aqui o glorioso exercito portuguez, cujo valôr largamente comprovado tem sido a segurança da nossa liberdade e independencia nacional. Sam de oiro do mais fino quilate as lettras que escrevem a historia de seus epicos feitos, sam do mais refulgente brilho as lucilações das suas espadas e do mais sublimado aprêço os trophéos das suas victorias. Não poderei canta-las em primores da nossa formosissima linguagem, mas referi-las-hei com o legitimo e santo orgulho de filho d'esta terra, que outra o mundo não teve egual.

Senhores: A fama das glorias dos portuguezes não excede a gentileza e fidalguia dos seus corações: por isso confiadamente vou principiar.

Senhores:

No convulsionado cyclo historico que decorre desde os ultimos annos do seculo xviii até os primeiros lustros do seculo xix, a nação franceza era o theatro e a Europa inteira a espectadora fremente dos acontecimentos mais notaveis dos tempos modernos.

Em nome dos direitos do homem, da justiça e do engrandecimento nacional, e aproveitando circumstancias de opportunidade, as ondas temerosas da revolução, tintas já do sangue de innumeras victimas, haviam derruido na violencia do seu choque o glorioso throno de S. Luiz e arrastado ao cadafalso o desditoso rei e martyr que a embriaguez das paixões demagogicas tambem havia escolhido para sua victima.

Entretanto surgia naquella nação, aureolado pelo prestigio d'uma grandeza immensa, um homem audacioso, genial, extraordinariamente favorecido da sorte, que, conquistando pelo seu valôr, em gloriosas, assombrosas campanhas militares, o mais elevado posto do exercito francez, se impoz não só á admiração d'um povo, mas do mundo.

A sua espada de inegualavel brilho despedia raios de coruscante luz, que lhe illuminaram o caminho,

no fim do qual uma incoherente democracia lhe reedificava o throno que aluíra, e lhe cingia a fronte com a aurifulgente corôa que vilipendiára.

No fastigio da gloria e do poder, fascinando tudo, subjugando tudo pela sua estranha grandeza, tocou as raias da ambição. Julgando-se um semideus, olvida que o poder humano tem limites e que o roble altivo e secular é quasi sempre lascado pelo raio, ficando indemnes os pequenos e frageis arbustos que o circumdam.

Imperador, a França afigura-se-lhe acanhado dominio. Inebriado pelos esplendores das suas victorias, tudo quer, tudo ambiciona, de tudo ousa dispôr. O que pela sua habil e astuta diplomacia não alcança, conquista-o pela fôrça dos seus formidandos exercitos. A fuzilaria das suas espingardas, o tropel da sua cavallaria e o troar dos seus canhões espalham por toda a parte o terrôr e a morte.

E assim a Europa inteira, sentindo o pêso do enorme colosso, tremeu, como se um medonho cataclismo abalasse o solo.

E Portugal, cuja historia assombra, porque toda a sua exuberante vitalidade tem sido uma odysséa de triumphos; Portugal, que tantas bellezas tem

« Que nem as canta um poeta
Nem as sonha um mortal »;

Portugal, cujos alicerces foram caldeados com o sangue de heroes; Portugal, que em ingentes luctas pela sua independencia tantissimas vezes viu regado o seu abençoado torrão com as bagas de suor e sangue de seus filhos, que foi a melhor tinta com que escreveram nos pergaminhos da Historia os titulos da sua nobreza; Portugal, meus senhores, porque era um paiz bello, uberrimo, heroico, nobilissimo, provocou as desmedidas ambições de Bonaparte, que, sedento de maior gloria e de mais florões para a sua deslumbrante corôa de Imperador dos francezes, e invocando o pretexto futil, sem fundamento, de que este povo altivo recusára com sobranceria obedecer ao seu systhema de bloqueio continental e á sua insolente soberba, ordena a sua occupação militar e projecta a sua conquista.

Com effeito, senhores, viu-se então pairar sobre elle sinistras nuvens de immenso infortunio. O exercito napoleonico atravessa o nosso territorio, e deixa na sua passagem um horroroso cortejo de lamentações, lagrimas, miserias e destroços.

A espada do novo Alexandre, maior ainda que Alexandre, deshonrou-se, embaciou-se então, porque ousou tocar nos sagrados direitos do mais fraco com as prepotencias do mais forte.

E, oh! Deus do céo, vós que tantissimas vezes preservastes este formoso jardim do Occidente de tempestades devastadoras, e o fecundastes e engrandecestes com a caudal torrente dos vossos beneficios, havieis de consentir agora que o bronze das nossas estatuas, as pedras dos nossos vetustos monumentos, documentos mudos mas eloquentes da grandeza epica d'um pequeno povo, a quem a civilisação deve a mais sublime odysséa dos « mares nunca dantes navegados », fossem total e irremediavelmente destruidos pelo devastador cyclone das legiões francezas?

Oh! não! Porque na alma portugueza ha ideaes sublimes e energias indomaveis, porque nella a religião e o patriotismo têm culto e têm altares. E o amôr da patria é o valôr, a constancia, a fortaleza e a abnegação; porque o amôr da patria é um sentimento inherente á nossa propria natureza e que a religião applaude, anima e robustece.

E d'est'arte a terra portugueza foi grande, prodigiosamente grande, quando a Cruz era o guia dos nossos exercitos e a espada a inflexivel defesa dos nossos direitos; quando a espada defendia a Cruz, e a Cruz abençoava a espada; quando o patriotismo genuflectia mais reverente e queimava incenso mais puro nos altares de Deus e particularmente nos da Virgem.

Oh! a Virgem! — Direi com um distincto orador (1). — : « Ridentissimo iris d'esperança a colorir-se no negrume dos nossos infurtunios. Candidissima pomba d'alvinitentes azas, mensageira da paz, nuncia da victoria; mulher protentosa, a quem o Vidente de Patmos em um dos seus raptos ethereos contemplou vestida de sol, calçada de lua, coroada de estrellas; excelsa Rainha cujo poderio se exerce sobre todas as nações! »

E, com effeito, quem ha que não conheça a dulcissima influencia do culto de Maria nos espiritos christãos, que elle é tam adquado á natureza do homem, e que parece constituir um dos « primaciaes e fundamentaes characteristicos dos portuguezes? »

Não tem sido a Virgem purissima o anjo tutelar da sociedade portugueza, a inspiradora da sua arte, arrancando maviosos hymnos á lyra dos seus poetas, singular magia á palavra dos seus mais egregios oradores, graciosas fórmas, como que palpitantes de vida, « magestosos, imponentissimos, rendilhados e aerios poemas de marmore e de granito » ao cinzel omnipotente dos nossos artistas?

Não tem sido para nós a Mãe carinhosa que nos ama, a Rainha que nos ampara e um formidando exercito em linha de batalha?

(1) O Ex.mo Rv.mo Sr. D. Augusto Eduardo Nunes.

Guiados por Ella — Estrella da manhã — não sulcámos os mares immensos e não devassámos os segredos da mysteriosa India?

Ajudados por ella — Torre de bronze — não oppozemos um dique, uma barreira insuperavel aos nossos inimigos de tantos seculos?

E era natural que assim acontecesse, porque não ha um povo, ou não houve um povo da estatura do nosso — peitos d'aço, braços de ferro — que mais se recurvasse numa homenagem férvida e doce ante Aquella de quem sam figuras, symbolos e sombras as mais brilhantes heroinas d'Israel, — Esther, Debora e Judith!

O culto de Maria é o culto do amôr, é o culto do coração, onde reside o calôr, o movimento e a vida; e o amôr de Maria regenera, salva, purifica e sublima o homem.

A nação fórma uma individualidade, uma individualidade collectiva, que precisa muitas vezes, como o homem, d'um fogo que a purifique, d'um remedio que a salve, d'um braço que a levante, d'uma fôrça que a estimule. E a Virgem, — *gratia plena,* — não podia bradar á nossa patria, não feita cadaver, mas pequenissima — levanta-te e caminha, levanta-te ainda mesmo na consideração da tua pequenez e dos teus receios, e

caminha para a deslumbrante luz da civilisação, porque *fecit mihi magna qui potens est? Surge et ambula,* clamaria a Virgem purissima, mas que alliançassemos a cruz de seu Filho com a espada dos nossos soldados, e que as nossas alterosas naus sulcassem ovantes os mares, mas que nas suas flamulas e galhardetes fosse estampado o symbolo augusto da redempção humana.

E, na verdade, senhores, porque em Portugal sempre se associaram e fundiram numa só as duas sublimes causas — a defesa da religião e a defesa do solo nacional — o nosso povo, embora pequenissimo, foi sempre um povo laborioso e valente, e corajoso na guerra.

E todavia este povo, como explendidamente, inimitavelmente diz um orador (1), « este povo intremulo que arremetteu com o gladio de Affonso Henriques, domou com o braço de João I e imperou com o sceptro de Manuel; este povo titanico que pensou com o cerebro de Pedro Nunes, sentiu com o peito de Nun'Alvares, escreveu com a penna de João de Barros, navegou com a bussola do Gama, triumphou com a espada d'Albuquerque, cantou com a lyra de Camões e prégou com a lingua de Vieira, este povo destemido,

(1) Ex.mo e Rv.mo Sr. Conego Alves Mendes.

este povo estupendo que cresceu sobre todos os continentes e bracejou sobre todos os mares », este povo magnanimo, insignissimo, recebeu tantas vezes nas suas faces e na sua bandeira as mais sangrentas injurias. Mas um véo sobre ellas...

Porém um estranho contraste: Na alvorada do seculo XIX, a que havia de pertencer a gloria de se denominar o seculo do progresso e da civilisação, a França, que bastas vezes manejou o gladio em serviço dos outros, que brandiu a espada á clara luz do sol sempre que se ouvia o appello d'um fraco, nação cavalheirosa, que corria o mundo em se tractando de libertar um opprimido, punir uma injustiça e castigar um crime; a França, a consciencia viva da Europa, talvez offuscada pelos fumos de Marengo e de Austerlitz, consente que o semideus, que a magnetisára com o poder faiscante do seu olhar d'aguia, decretasse no palacio de Fontainebleau, onde pavoneava grandezas, a desmembração de Portugal, como a caprichosa, insubmissa e tyrannica creança dispõe a seu bel-prazer das peças do seu brinquedo!

Por tres vezes as dominadoras legiões francezas fizeram resoar sinistras coronhadas, como um trovão, atravez do nosso paiz, e Junot, Soult e Massena, que a audacia elevára e Bonaparte engrandecêra, foram o

flagello devastador a quem coube a ingloria missão de executar entre nós a velha e odienta lei de Cain, que declara que a fôrça está superior ao direito.

Oh! mas que se acautelasse o orgulho de Napoleão! porque a Providencia divina podia fatigar-se de ouvir sempre o seu nome nas lamentações humanas; porque dos sacrilegios contra o Direito chega-se aos sacrilegios contra a Fé, e estes sam terrivelmente castigados, porque attingem o ideal divino.

Se o moderno Attila preadivinhasse que as alterosas aguias imperiaes haviam de rastejar humilhadas no solo onde se ergueram altivas; se tivera sonhado que o mundo, estupefacto e aturdido, contemplaria os invenciveis de Iena, Marengo e Austerlitz, os seus famosos Neys, Regniers e Massenas, vindos de tam longe, depôr nas frontes dos nossos soldados, juncto ás margens do nosso Tejo, Douro, Mondego e Zezere aquelles loiros que elles tinham colhido nas margens do Elba, do Oder, do Vistula e do Danubio; se elle podesse entrever em os nublados horisontes do porvir os nossos trophéos do Vimieiro, Porto, Campo Maior e Olivença, talvez que parasse na louca carreira dos seus desatinos e não enodoasse as paginas da sua gloriosa epopeia. Se tivera compulsado a nossa historia, serenamente, tranquilamente, sem enthusiasmos de

soldado e sem preoccupações de ambicioso, aprenderia como os portuguezes vingam uma audacia, e saberia lêr nas pedras de Santa Maria de Belem e nas da Batalha as sublimes estrophes do hymno da gratidão nacional á Virgem da Victoria, que havia de no Bussaco...

Oh! O Bussaco! a Virgem da Victoria! Como redivive agora na minha alma o fogo sagrado da fé e do patriotismo! Foi aqui, nesta formosa estancia, sempre verde como a esperança que nos ampara e alenta, que mais uma vez o nosso exercito encontrou o trilho da victoria; foi aqui que, gemendo, rojaram pelo chão ao impulso do gladio portuguez as aguias do tyranno, e que a sua gloria immensa começou a declinar até que de todo se eclipsou nos fraguedos de Santa Helena.

Já se ouviam ao longe os gemidos da orphandade, da fome e da deshonra. O clarão dos incendios projectava a luz sinistra que as legiões de Massena vinham espalhando nos alcantis da nossa bella provincia da Beira, e a 27 de setembro de 1810 o exercito alliado trava aqui no Bussaco com as soberbas hostes francezas uma d'essas inenarraveis, estupendas, colossaes e titanicas luctas que a Historia havia de registar em aureos caracteres.

Por vezes o desalento parece apossar-se das nossas tropas, bem inferiores em numero. Muitos cadaveres de martyres da liberdade juncam o solo, muitos corpos mutilados de heroes contorcem-se nas medonhas convulsões do mais angustiado soffrer, e nas faces dos ainda válidos ha lagrimas de sangue, ha lagrimas de desespero.

Em breve o pavilhão do agressor irá hastear-se na cumiada d'esta serrania ondeado pelas inebriantes auras da victoria?

Oh! não! Como um leão que ruje temeroso, como uma tempestade que devasta e derruba e como um raio que fere inclemente, as nossas tropas arrojam-se inopinadamente, desvairadamente sobre o inimigo, e não ha golpe que lhes falhe, fôrça que as vença, agressão que as atemorise. Morrer ou vencer — eis o dilemma. E assim, numa attitude tamanha contra a qual se quebram debalde lanças e bayonetas, magnetisados por um sentimento intimo — a Fé, que galga montanhas e vence os mais insuperaveis perigos, — e crentes de que a Virgem da Victoria, em quem o Senhor operou maravilhas, em quem Portugal sempre encontrou escudo e broquel, não havia de abandona-los, derrotam, humilham e desalojam o inimigo, e gravam mais um precioso florão na immortal corôa das glorias patrias.

E d'esta maneira o laureado general que vaidosamente julgára salvar a França na batalha de Zurich, que ufano se desvanecia com o titulo de filho querido da victoria, que affirmára realizaria o projecto da conquista de Portugal em desesete dias, que abriria aqui no Bussaco a porta de Lisboa com as pontas das suas bayonetas e que arremessaria para o Oceano o immortal Duque de Wellington, viu empallidecer nestes bellos horisontes a sua ditosa estrella, que noutros horisontes brilhára, e desmantelar-se o seu carro triumphal nas penedias d'esta montanha!

Salvè, pois, mil vezes salvè, formoso e memoravel dia, aurora explendida, nuncia da nossa liberdade!

Meus senhores: Se toda a Historia é uma altissima e proveitosissima lição, muito teremos que apprender nas aureas paginas da nossa, e muito principalmente que não se humilha um povo, quando na alma de cada cidadão estuam, se enlaçam e confundem dois santos e inabalaveis esteios — a chama da Fé e o amôr da Patria.

A chama da Fé — o amôr da Patria!

A chama da Fé, que illumina os nossos corações para aquelle altar num appello supplicante á sublime Virgem da Victoria, e o amôr da Patria, que transforma uma

creança ou um velho num valente e corajoso soldado para brandir uma espada, para vingar uma injuria, para revindicar um direito.

Quem poderá, pois, ó incomparavel Virgem, santo enlevo das nossas almas, formoso receptaculo das magnificencias do Senhor, cantar os teus louvores e celebrar as tuas glorias?

Quem poderá tambem, ó Patria, formosa miragem dos nossos sonhos, asylo das nossas saudades e das nossas esperanças, descrever os teus encantos, enaltecer os teus heroismos e tanger no bronze da tua Historia o hymno da tua grandeza?

Para tamanha missão, senhores, a minha vóz não teve harmonias, a minha oratoria não teve flores, não teve palmas, não teve louros, o meu pensamento não teve conceitos; mas o meu peito, abrigo d'uma alma de crente e de patriota, de sacerdote e de portuguez, esse sim, tem energias para clamar comvosco num arroubamento de enthusiasmo, febril e vibrantemente:

Gloria á Virgem!

Honra a Portugal!